

O PROBLEMA DE MOLYNEUX

Giorlando Madureira de Lima¹

RESUMO: No seu *Ensaio sobre o entendimento humano*, John Locke apresentou pela primeira vez um problema que até os dias de hoje é discutido por filósofos, médicos e neurocientistas. Esse problema ficou conhecido como “problema de Molyneux”, em homenagem ao correspondente de Locke que propôs a inserção dele no *Ensaio*. Em linhas gerais, o problema pergunta se seria possível, a um homem adulto que enxerga pela primeira vez na vida, reconhecer através da visão objetos que conhecera anteriormente através do tato. No presente artigo, pretendo descrever a história do problema na correspondência de Locke com o objetivo de apontar que a resposta dada por ele não pode ser tratada como uma consequência natural do seu sistema.

PALAVRAS-CHAVE: Locke; Filosofia Moderna; Epistemologia; Teoria do Conhecimento.

ABSTRACT: In his *Essay concerning humam understanding* John Locke presented for the first time a problem that until the present day is debated by philosophers, doctors and neuroscientists. It became known as “Molyneux’s Problem”, as a homage to the correspondent who proposed its insertion in the *Essay*. In general terms, the problem asks if it would be possible to a man, who sees

for the first time in his life, to recognize through vision objects that he knew through touch. In the present article, I intend to describe the history of the problem in Locke's correspondence with the purpose of pointing that his answer cannot be treated as a natural consequence of his system.

KEYWORDS: Locke; Modern Philosophy; Epistemology; Theory of Knowledge.

Neste artigo descreverei a história do problema de Molyneux tal qual ela transcorre nas correspondências de Locke. Essa descrição tem o propósito duplo de (i) apontar dificuldades em conciliar a resposta que Locke deu ao problema e a sua filosofia e (ii) mostrar que Locke conhecia essas dificuldades.

O problema pode ser esboçado da seguinte maneira: imagine um homem chamado Bartimeu² que nunca foi capaz de ver coisa alguma. Durante seu longo período de cegueira, ele foi ensinado sobre como reconhecer, através do toque, sólidos geométricos distintos, por exemplo, um cubo e uma esfera. Um dia, eu disponho um cubo e uma esfera de tal modo que ele poderia, se fosse capaz disso, vê-los, mas não tocá-los. Com um pouco de terra e saliva eu então o permito enxergar pela primeira vez em sua vida. Supondo que ele seja capaz de utilizar sua recém-adquirida visão, eu pergunto se ele é capaz de me dizer qual o nome das duas figuras que estão além do seu alcance. O problema propriamente é descobrir, sem vendar um bebê desde seu nascimento, se um ex-cego de nascença seria capaz de identificar os sólidos.

Responder a problemas como esse não era incomum no período moderno, e existem, *mutatis mutandis*, exercícios similares nas *Investigações* e no *Tratado* de Hume³, com o problema do tom ausente de azul e na dedução das cores na Regra 14 de Descartes⁴. É possível expressar este tipo de questão em uma única frase: é possível reconhecer alguma coisa a primeira vez que a encontramos?

Especificamente a versão da questão apresentada sob a forma do problema de Molyneux atraiu muita atenção no século dezoito, tanto na Inglaterra quanto no exterior (*cf.* HOPPEN, 1970, 172-174). Cabe deixar registrado que interpreto o problema de uma forma que o valoriza, mas que nem sempre ele é apresentado

de tal forma. Acredito que o problema cria dificuldades para além da mera capacidade de relacionar dois sentidos. Como diz Campbell, “A questão é sobre a relação entre as percepções de formas em diferentes modalidades sensoriais” (CAMPBELL, 1996, 301), ou como diz Blackburn:

Filosoficamente, a questão trata da maneira como devemos pensar a relação entre o espaço visual e o espaço táctil. Em outras palavras, a questão afeta a maneira como nós pensamos a integração das informações fornecidas pelos diferentes sentidos ao construir o conhecimento perceptivo (BLACKBURN, 1994, 248).

Minha interpretação do valor do problema está mais próxima da de Davis:

O problema é primeiramente um problema epistemológico, envolvendo a natureza da transição da sensação para o julgamento. Uma resposta definitiva para o problema provavelmente forneceria uma resposta para algumas das mais incômodas questões do empirismo (DAVIS, 1960, 392).

Antes de examinar a maneira como Locke resolve o problema, será útil acompanhar sua história. Dr. William Molyneux, escritor irlandês, propôs o problema para Locke em pelo menos duas ocasiões diferentes. Na primeira, datada de 7 de julho de 1688 e numerada 1064 na correspondência editada por De Beer, ele propõe um problema para o autor do *Essai Philosophique concernant L'Entendement*. É uma carta direta, contendo basicamente o anúncio do problema e o problema ele mesmo. Locke nunca respondeu essa carta. Esta primeira

apresentação do problema difere em alguns aspectos daquela que Locke apresentará alguns anos mais tarde e daquela que Molyneux pede para ser incluída no *Ensaio*.

Esta primeira versão contém três diferenças do esboço apresentado. A primeira diferença é que, ao invés de supor os sólidos simplesmente fora do alcance do ex-cego, Molyneux fala sobre distâncias entre Bartimeu e os sólidos. A segunda é que Molyneux supõe a possibilidade de ser a primeira vez que o cego toca em uma esfera e em um cubo, ao invés de assumir que essa experiência tenha sido adquirida anteriormente. A terceira é a indicação de que ambos, cubo e esfera, seriam de aproximadamente o mesmo tamanho:

Um problema proposto para o autor do *Essai Philosophique concernant L'Entendement*. Um homem, tendo nascido cego, e tendo um globo e um cubo, de aproximadamente o mesmo tamanho, colocado em suas mãos, e tendo sido ensinado ou avisado, qual é chamado o globo e qual é o cubo, de modo a facilmente distingui-los através do toque ou da sensação; então, ambos sendo tomados dele, e dispostos numa mesa. Vamos supor que sua visão lhe fosse restaurada. Se ele poderia, por sua visão, e antes de tocá-los, saber qual é o globo e qual o cubo? Ou se ele poderia conhecer através da sua visão, antes de estender a mão, se ele não pudesse alcançá-los, porque estariam removidos do seu alcance 20 ou 1000 pés⁵? (*Correspondence*, 1064)⁶.

Duas das diferenças foram abandonadas nas apresentações seguintes do problema, provavelmente porque não alteravam-no em coisa alguma: a referência à distância entre a cobaia e os sólidos e a indicação de que ele teria acabado de conhecê-los. A distância afetaria se Bartimeu seria capaz de ver os sólidos,

não se seria capaz de depois de vê-los, reconhecê-los. O fato de que ele acabou de conhecer os sólidos também é irrelevante para o problema, uma vez que a questão não é a dificuldade que se tem em conhecer sólidos geométricos através do toque, mas como, apesar de ser o ex-cego facilmente capaz de distingui-los através do toque, ele ainda poderia não ser capaz de reconhecê-los através da visão.

A indicação do tamanho relativo dos sólidos geométricos surgirá novamente em outras exposições do problema, e sobre ela tratarei mais adiante neste texto. Cabe destacar que nessa primeira carta enviada a Locke, Molyneux não oferece uma resposta ao seu problema, e encerra dizendo:

Se o educado e engenhoso autor do supracitado tratado acredita que esse problema é digno de sua consideração e resposta, ele pode a qualquer momento se dirigir a este que muito o estima e é seu humilde servo, William Molyneux (*Correspondence*, 1064).

Na segunda carta em que o problema aparece, a situação é bem diferente. Nessa ocasião, Locke e Molyneux tinham se tornado amigos – o que pode ser constatado tanto pelo aumento significativo na frequência das cartas⁷, quanto pelo tipo de conteúdo do qual as correspondências tratam⁸ – de modo que tanto o problema quanto a resposta dada por Molyneux aparecem por um motivo peculiar. Nesta carta, de 2 de março de 1693 e numerada 1609 por De Beer, Locke e Molyneux estão no fim de uma discussão sobre a segunda edição do *Ensaio*, na qual Molyneux propôs a Locke mudanças em alguns parágrafos da primeira edição e apontou erros de tipografia variados⁹. Além disso, nesse diálogo, Molyneux sugere a Locke que, na segunda

edição, transformasse seu livro num manual para os jovens estudiosos: “o padrão escolástico da Lógica e da Metafísica”:

Quanto à sua proposta de transformar o meu Ensaio em um corpus de Lógica e Metafísica, organizado da forma usual, mesmo que eu agradeça muito humildemente por tal recomendação, e veja claramente o cuidado que você tem com a educação dos jovens estudiosos, o que não é uma coisa de pouca importância, ainda assim eu temo que seria escarço o tempo que eu encontraria para fazê-lo. Você preparou outros trabalhos para mim, mais do meu agrado e, acredito, mais úteis (*Correspondence*, 1592).

O problema aparece no fim da carta introduzido da seguinte maneira: “vou concluir minhas linhas tediosas com um problema jocoso” (*Correspondence*, 1609). E encerrado assim: “Mas disto basta, talvez você encontre algum lugar no seu Ensaio, onde você não considere inadequado, dizer alguma coisa sobre esse problema” (*Correspondence*, 1609). A maneira como Molyneux trata o problema revela que ele considerava já ter encontrado uma solução final, que consistia em dizer que o homem não reconheceria os sólidos:

Eu respondo, não. Pois apesar dele ter obtido a experiência de como um globo, como um cubo, afeta o seu toque, ele ainda não adquiriu a experiência de que aquilo que afeta meu toque de tal e tal maneira deva afetar minha visão de tal e tal maneira. Ou que o ângulo protuberante do cubo que pressiona sua mão de maneira desigual aparece ao seu olho tal qual ele aparece no cubo (*Correspondence*, 1609).

Essa solução, de que o homem não seria capaz de reconhecer os sólidos, segue uma apresentação do problema que tem uma

diferença importante da primeira apresentação. Na versão da carta 1609, Molyneux fala do material dos sólidos, especificamente os supõe como sendo de marfim. Além dessa diferença, o problema se encontra de maneira muito semelhante àquela da carta anterior, excetuando-se as menções à distância entre Bartimeu e os sólidos e à ocasião na qual ele teria aprendido a identificar os sólidos:

Suponha um homem nascido cego, e agora adulto, e ensinado pelo seu toque a distinguir entre um cubo e uma esfera (suponha) de marfim, aproximadamente do mesmo tamanho, de modo a dizer, quando sentia um ou o outro, qual é o cubo e qual é a esfera. Suponha, então, o cubo e a esfera dispostos numa mesa, e o ao homem cego feito ver. *Quære* se através da visão, antes que ele os toque, ele poderia agora distinguir e dizer qual é o globo e qual é o cubo (*Correspondence*, 1609).

Molyneux, ao descrever o problema, menciona duas características dos sólidos que não parecem necessárias para a ocorrência da situação descrita no problema, quais sejam: o tamanho e o material dos sólidos. Por que Molyneux sentiu a necessidade de adicionar essas duas características aos sólidos, especialmente a referência ao material dos sólidos que sequer estava presente na versão anterior do problema? Essas características alteram algum aspecto do problema?

Molyneux diz que propôs o problema “para diversos homens muito engenhosos” (*Correspondence*, 1609), e é possível assumir que essas adições foram resultado de tais ocasiões. A necessidade de dizer que os sólidos seriam do mesmo material e do mesmo tamanho seria derivada da suposição de que Bartimeu poderia através do uso dessas características – e de outras derivadas destas

– identificar os sólidos sem reconhecer o aspecto geométrico de cada um.

Apesar da boa intenção de Molyneux de proteger o seu problema de ataques tão triviais, essas adições são tão triviais quanto o possível ataque que pretendem repelir. Duas causas para a inutilidade dessas adições: primeira, o cego poderia aprender e provavelmente aprenderia como identificar uma grande variedade de cubos e esferas durante sua cegueira de modo a compreender que o tamanho ou a textura não fazem de algo um cubo ou uma esfera. Segunda, se ele não saberia como um ângulo protuberante afetaria sua visão, ele também não saberia como afetaria o tamanho ou a textura.

Dessa vez Locke escuta o apelo de Molyneux e, por ocasião da segunda edição do *Ensaio*, decide inserir o problema no livro II, capítulo 9, parágrafo 8. O problema é apresentado de forma quase idêntica àquela da segunda carta de Molyneux, incluindo as duas adições inúteis, exceto que Locke ao invés de supor um material específico diz que ambos os sólidos seriam de um mesmo metal:

Suponha um homem nascido cego, e agora adulto, e ensinado pelo toque a distinguir entre um cubo e uma esfera do mesmo metal, e de aproximadamente o mesmo tamanho, de modo a dizer, quando sentia um e outro, qual era o cubo e qual a esfera. Suponha então que o cubo e a esfera são colocados numa mesa, e ao homem cego feito ver: *quære*, se pela sua visão, antes de tocá-los, ele poderia agora distingui-los e dizer qual é o globo e qual é o cubo (*Essay*, II, 9, §8)¹⁰.

A resposta de Locke é de que o homem não seria capaz de reconhecer os sólidos:

Eu concordo com este intelectual cavalheiro, o qual eu tenho orgulho de chamar de amigo, na sua resposta para o problema; e sou da opinião de que o homem cego à primeira vista não seria capaz de dizer com certeza qual que era o globo e qual que era o cubo, se apenas os visse. Apesar de que ele poderia sem dúvida alguma nomeá-los pelo toque, e certamente distingui-los pela sensação distinta de suas figuras (*Essay*, II, 9, §8).

Locke entende que o homem, não importando quanto tempo seja dado a ele, só identificaria o cubo e a esfera depois de tocá-los e só depois de conjugar as duas percepções, a do toque e a da visão, ele seria capaz de identificar os sólidos através da visão somente. A resposta que Locke dá ao problema é baseada no fato de que toda ideia precisa vir da experiência e que Bartimeu não tem nenhuma experiência prévia da visão de uma esfera e de um cubo. Portanto, ele não teria nenhuma ideia de com o que eles se parecem nem sequer saberia para o que estava olhando.

Em outras palavras, a solução dada por Locke parece trabalhar nos seguintes termos: se você é um empirista, tal como Locke e seu “intelectual cavalheiro amigo”, você deve dizer que o homem não será capaz de reconhecer os sólidos, uma vez que não possui tal experiência prévia. Por outro lado, se você for alguém que defende ideias inatas, você provavelmente dirá que o homem reconhecerá os sólidos.

Locke não é o único filósofo dito empirista que responde o problema de Molyneux de forma negativa. Como aponta Gómez: “Aqueles que responderam a questão de Molyneux de forma negativa – tal como Locke, George Berkeley e Molyneux ele mesmo – são associados pelo seu tipo de argumento com a corrente empirista” (GÓMEZ, 2011, 48). Cabe indicar que

a resposta negativa não é menos problemática nos outros empiristas. Berkeley, por exemplo, extrai, da resposta negativa ao problema, que os objetos seriam em verdade dois, um que seria objeto da visão e outro que seria objeto do toque:

Mas se nós olharmos de perto e precisamente para as coisas, deve ser reconhecido que nós nunca vemos e sentimos um e o mesmo objeto. Que aquilo que vemos é uma coisa e aquilo que sentimos é outra. Se a figura visível e sua extensão não é a mesma que a figura tangível e sua extensão, nós não devemos inferir que uma mesma coisa tem duas extensões. A verdadeira consequência é que os objetos da visão e do toque são duas coisas distintas (BERKELEY, 1709, §49).

Essa dicotomia – empiristas respondem que não e racionalistas respondem que sim – por mais simples que possa parecer, não pode ser o caso, uma vez que mesmo de um ponto de vista empirista e lockeano existem pelo menos duas dificuldades que a impedem.

Primeira dificuldade: por que escolher um cubo e uma esfera? Afinal, estas duas figuras poderiam ser confundidas, mesmo por alguém dotado e acostumado ao sentido da visão, se colocadas distantes o suficiente do observador. A escolha pode ser uma boa decisão se a intenção é sinalizar uma crítica àqueles que defendem ideias matemáticas inatas, mas para o propósito do argumento ela não ajuda. Por que não perguntar se Bartimeu seria capaz de distinguir entre uma mesa e a sua esposa? Supondo é claro que ele teve a possibilidade de aprender a distingui-las antes através do toque. Não seria ele capaz de, através da reflexão, estabelecer relações sobre a distância entre os ângulos, os limites das formas e identificar similaridades entre essas proporções e

aquelas que ele conhecia? Responder que sim nesse caso, não implica ideias inatas, todo conhecimento continuaria advindo da experiência. Se, apesar desse contra-argumento, se mantiver uma resposta negativa – não, ele não seria capaz de identificar sua esposa – deve-se perguntar se chamar o que Bartimeu faz de “visão” é correto, uma vez que não lhe é permitido refletir sobre as novas ideias adquiridas através da visão¹¹.

Segunda dificuldade: era Bartimeu, enquanto cego, capaz de fazer geometria? Se sim, reconhecer proporções e sólidos será muito simples uma vez que ele passe a ver, e novamente não foi preciso supor nenhuma ideia vinda de qualquer lugar que não a experiência. Se não, qual critério não geométrico ele utilizava para identificar o cubo e a esfera quando era cego?

Ambas as dificuldades apontam para a possibilidade de ser um empirista e acreditar que Bartimeu seria capaz de reconhecer os sólidos. Essas dificuldades que apontei não teriam nenhum valor para a história da filosofia não fosse o fato de que Locke as conhecia, e, portanto, era capaz de responder que sim, Bartimeu reconheceria a própria esposa. Que Locke conhecia essa possibilidade pode ser demonstrado a partir das cartas 1984 e 2059. A carta 1984 é datada 6 de setembro de 1695, depois da publicação da segunda edição do *Ensaio*. Nela, Molyneux envia a Locke uma cópia de uma resposta que recebera para seu problema. Essa resposta fora produzida por Edward Synge, Lorde Arcebispo de Tuam. Já a outra carta, 2059, datada 5 de abril de 1696, contém a opinião de Locke sobre a resposta de Synge.

O primeiro aspecto da resposta de Synge que chama atenção é que, ao apresentar o problema, em lugar algum ele menciona conceitos inúteis, como distância entre o observador e os sólidos ou material e tamanho dos sólidos:

O caso é esse: um homem nascido completamente cego tem um globo e um cubo colocados em suas mãos e instruído, na medida em que é capaz disso, na noção de cada uma dessas figuras e na diferença entre elas. Vamos supor agora esse homem repentinamente dotado com o sentido de ver e a questão é se, o globo e o cubo tendo sido colocados diante de seus olhos, ele seria capaz de, através da visão somente e antes de tocá-los, dizer qual é o globo e qual é o cubo (*Correspondence*, 1984).

Depois de apresentar o problema ele passa a estabelecer que é diferente ter a ideia geral de alguma coisa e ter a ideia de uma coisa visível enquanto visível. Essa distinção sutil lida com a segunda dificuldade apresentada aqui à solução dada por Locke, ou seja, para responder a questão acerca da capacidade do cego de fazer geometria é preciso decidir se é necessário possuir apenas a ideia abstrata dos sólidos, por exemplo, suas propriedades matemáticas, ou se é necessário possuir a ideia de como os sólidos se apresentam à visão. O primeiro tipo de ideia ele chama de ideia e o segundo de imagem:

Para o melhor entendimento daquilo que vou dizer desta questão eu gostaria que você percebesse que eu chamo toda noção de qualquer coisa que um homem contempla, uma ideia¹², mas aquela noção que um homem contempla de uma coisa visível enquanto ela é visível eu chamo de imagem (*Correspondence*, 1984).

Synge continua sua carta apresentando uma série de proposições enumeradas e encadeadas de forma a alcançar sua conclusão. Elas são oito. As quatro primeiras trazem o argumento a favor da possibilidade de Bartimeu reconhecer os sólidos, já as

quatro seguintes especificam a reflexão que Bartimeu faria para reconhecer os sólidos.

Do conjunto inicial de quatro proposições duas se dividem, segundo a minha interpretação, em duas outras. Para as quatro originais mantereí a numeração dada por Synge quando voltar a me referir a elas, já às duas que são resultado das minhas divisões me referirei como 1.1 e 4.1, pois derivadas da proposição 1 e 4.

A primeira proposição é a que segue: “1º Um homem nascido cego pode ter uma verdadeira (ainda que talvez não perfeita) *Ideia* de um globo e de um cubo e de algumas das diferenças entre eles” (*Correspondence*, 1984). A ideia complexa de um globo para ser uma ideia perfeita do globo deveria conter em si a imagem deste mesmo globo, também uma ideia complexa – pois contém cor, tamanho, brilho, etc. Porém, essa perfeição não é necessária para que a ideia seja verdadeira. Que um objeto possua atributos que ainda não foram descobertos pelo experimentador, sejam estes primários ou secundários, não falseia necessariamente a ideia que o experimentador já possui daquele objeto. Faltam associar ideias àquela ideia que já pertence ao experimentador, mas as associações anteriores podem ser todas verdadeiras, como quando se percebe um objeto através da visão para só posteriormente conhecer o seu peso.

Assim, pode ser o caso que o cego de nascença possua uma ideia de globo à qual foram associadas outras ideias da forma correta. Ele não conheceria o globo em sua inteireza, ou perfeitamente como diz Synge, mas poderia conhecer verdadeiramente. E é esse o caso, como aponta a proposição 1.1: “Isso [a proposição 1] evidentemente aparece porque ele certamente será capaz de, através do toque, distinguir um do outro” (*Correspondence*, 1984).

Se o cego não possuísse uma ideia de cubo associada de forma verdadeira a outras ideias próprias do cubo e uma ideia de globo associada de forma verdadeira a outras ideias próprias do globo, por exemplo, à ideia de certa proporção própria de cada figura, ele não seria capaz de distinguir entre um sólido e outro – uma vez que a apresentação do problema supõe que ambas as figuras são iguais em tudo aquilo que poderia ser utilizado para distinguir os objetos, mas não seria próprio de cada um dos sólidos.

Synge está apontando que uma vez tendo sido posto no problema que (i) nada diferencia os sólidos além das características que lhes são próprias enquanto sólidos e que (ii) o cego é capaz, antes de conseguir ver, de distinguir os sólidos, necessariamente ele possui uma ideia verdadeira de cubo e uma ideia verdadeira de globo. Ele só não possui uma ideia perfeita porque lhe faltam as ideias adquiridas somente através da visão:

2º Um homem que sempre foi perfeitamente cego, e enquanto ele assim permanecer, não pode ter nenhuma *imagem* na sua mente seja de um cubo ou de um globo. Isso em minha opinião é muito evidente porque não existe nenhuma passagem (que não sejam os órgãos da visão dos quais nós o supomos ser desprovido) para tal imagem entrar, e eu tomo como garantido que tais imagens não são inatas na apreensão da mente (*Correspondence*, 1984).

A proposição 2 nos diz que a ideia de globo e a ideia de cubo que pode ser adquirida somente através da visão é a imagem de cada um deles. Essas Bartimeu não poderia possuir segundo a apresentação do problema – que o supôs desprovido da capacidade sensorial relevante – e do requisito Lockeano de que

não existem ideias inatas. Somente quando ele começar a ver, apreenderá a imagem da esfera e do cubo enquanto olha para eles:

Tal homem, assim que seja dotado com o sentido da visão, vai imediatamente ter uma diferente *imagem* na sua mente de um globo e de um cubo, assim que eles sejam expostos a sua visão. Isso precisa ser o caso se sua visão e seus órgão forem tais como os nossos, o que nós supomos (*Correspondence*, 1984).

A pergunta que é feita a Bartimeu não é sobre sua capacidade de ver os objetos, como a pergunta que faz o oftalmologista ao indicar as letras miúdas, mas sobre a capacidade de nomear os sólidos. O problema assume que uma vez obtido o sentido da visão ele estará pronto pra ser usado por Bartimeu e que funcionará de modo similar ao único sentido da visão que conhecemos, qual seja, o nosso. Isso permite a Synge concluir que, imediatamente ao perceber o cubo e a esfera, a cobaia obterá a ideia do cubo e da esfera enquanto coisas visíveis, suas imagens¹³.

O próximo passo de Synge é supor que Bartimeu, tendo tempo suficiente para tanto, executará uma reflexão muito comum a todos os seres humanos: comparar aquilo que já conhece com aquilo que acabou de conhecer¹⁴. Da mesma maneira como alguém pode imaginar a aparência de um objeto tateado no escuro e posteriormente, sem tocar novamente o objeto, reconhecer que aquele era o objeto que se tinha tateado, Bartimeu vai refletir sobre a semelhança e diferença entre o cubo e a esfera que vê e todos os objetos que conheceu previamente e, ainda que isso tome um longo tempo¹⁵, será capaz de concluir que já conhecera aqueles dois objetos¹⁶:

4º E se imediatamente ao ver o globo e o cubo existir condição suficiente para tal pessoa claramente perceber o acordo e a diferença entre suas *ideias* preconcebidas e suas recentemente concebidas *imagens* destas figuras, então, talvez, ele seja capaz de saber qual é o globo e qual é o Cubo sem tocá-los novamente depois de tê-los visto (*Correspondence*, 1984).

Syngge encerra o argumento com uma última proposição, 4.1, que aponta que essa identificação será o caso “pois o acordo que ele poderá encontrar entre sua *ideia* e sua *imagem* de um globo e a diferença entre a *ideia* de um globo e a *imagem* de um cubo (e vice-versa) será indicação suficiente para ele” (*Correspondence*, 1984).

Em seguida, Syngge dedica mais algumas proposições para discutir quais seriam os acordos que Bartimeu encontraria entre as ideias de cubo e de esfera e suas respectivas imagens. Essas novas proposições perfazem dois pares, o primeiro par descreve um aspecto da ideia de cubo e de globo e a maneira como ele poderia ser adquirido, o segundo par descreve um aspecto da imagem de cubo e de globo que seria identificável ao aspecto da ideia descrito anteriormente e permitiria ao ex-cego reconhecer o globo e o cubo.

Inicialmente, Syngge descreve o que um cego precisaria conhecer de um globo, e portanto possuir sob a forma de ideia, para ser capaz de reconhecer o globo quando este lhe fosse dado sobre as mãos: “A ideia que um homem cego deve precisar para através do toque somente formar um globo será a seguinte: que é um corpo que é exatamente igual em todos os lados” (*Correspondence*, 1984).

Essa ideia, da uniformidade dos lados do objeto que

recebe o nome de globo, poderia ser adquirida pelo cego ao rolar o objeto na mão e perceber, através do tato, que não existem extremidades ou variações em toda a superfície do objeto: “Pois permita-o rolar o quanto quiser entre as suas mãos e ele não encontrará nenhum tipo de diferença entre um lado e o outro” (*Correspondence*, 1984). Curiosamente, este globo perfeito ao toque está suposto no problema, na medida em que Molyneux propôs materiais como marfim com o propósito de garantir a perfeição da figura geométrica.

Quanto ao aspecto da ideia que permitiria ao cego conhecer um cubo, diz Synge: “Parte da ideia que tal homem deve precisar para pelo toque conceber um cubo é que ele é um corpo que não é idêntico em todas as partes de suas superfícies” (*Correspondence*, 1984). A escolha de palavras de Synge é infeliz, uma vez que não somente os cubos são corpos não idênticos em todas as partes de suas superfícies. A bem da verdade, quase todos os corpos carregam essa propriedade.

Isso, porém, não invalida a resposta que Synge dá ao problema, primeiro porque ele tem o cuidado de indicar que essa é “parte da ideia” que o homem precisa pra reconhecer o cubo pelo toque. A ideia completa seria algo como: os cubos são corpos que possuem uma diferença dada por tal e tal relação entre suas superfícies. Segundo, porque mesmo que o que fosse adquirido da ideia de cubo através do tato fosse tal qual descreve Synge, o problema de Molyneux pede que Bartimeu identifique qual seria o cubo e qual seria a esfera, o que exige a rigor que ele seja capaz de identificar um dos dois apenas.

Essa parte da ideia do cubo seria adquirida na medida em que Bartimeu “sentiria uma lisa e plana [em algumas superfícies] e em outras a ponta afiada de um ângulo e em uma terceira uma

longa beirada que alcança de um ângulo a outro” (*Correspondence*, 1984). A descrição da aquisição mantém a escolha infeliz da descrição da parte da ideia, não fazendo menção à relação entre as superfícies do cubo.

Em resumo, do globo Bartimeu precisaria conhecer, enquanto ainda era cego, que ele é inteiramente similar a si mesmo, não possuindo extremidades ou pontas, pois em qualquer posição na qual ele seja tocado, a sensação é a mesma. Do cubo precisaria conhecer o exato oposto, que ele é uma figura que conforme se altera a posição em que o segura, se altera a sensação no tato, às vezes sente-se uma ponta, outras uma superfície plana.

Uma vez que Bartimeu passe a ver, ele vai adquirir a imagem do cubo e do globo. Quanto à imagem do globo, diz Synge:

A *imagem* que, à primeira vista, tal homem vai formar de um globo, deve precisar representar um corpo que é similar em todos os lados e, conseqüentemente, deve concordar com a *ideia* que ele já possuía dele e ser diferente da *ideia* que ele possuía do cubo (*Correspondence*, 1984).

Synge assume que, durante um instante lógico, Bartimeu terá duas ideias de um mesmo objeto que não se conectam. Porém como essas ideias são similares, dado tempo suficiente, Bartimeu poderá, através de reflexão, especificamente recordação e contemplação, alcançar a concordância entre ambas.

O acordo entre as ideias se daria menos por um complicado processo de reflexão que verificasse as proporções geométricas do globo, e mais, como aponta Synge, por um dado relativamente simples. Assim como qualquer que fosse a posição da esfera nas mãos a sensação ao toque seria a mesma, qualquer que seja a posição do globo – assumindo que ele pode ser movido para que

Bartimeu possa vê-lo inteiramente –, o efeito que ele vai causar nos sentidos será sempre o mesmo se a iluminação e a posição da covaia não mudarem: “Pois vire um globo de dez mil maneiras e ele ainda carregaria o mesmo aspecto se ele for inteiramente da mesma cor como nós agora supomos” (*Correspondence*, 1984).

Já foi mencionado que o hábito ou certa capacidade de julgar não parecem bastar para justificar a resposta Lockeana. Outra dificuldade é a possibilidade de que Locke entendesse que a nossa visão não nos dá acesso à profundidade, que veríamos a princípio de modo bidimensional e deduziríamos a tridimensionalidade a partir de julgamentos sobre luz e sombra, como Locke parece insinuar nessa passagem:

Quando nós colocamos nossos olhos sobre um globo redondo de uma cor uniforme, por exemplo ouro, alabastro ou azeviche, é certo que a ideia impressa na nossa mente é a de um círculo plano diversamente sombreado, com diversos graus de luz e brilho chegando aos nossos olhos (*Essay*, II, 9, §8).

Essa é, na verdade, uma falsa dificuldade, apesar de tanto Aarsleff (CHAPPEL, 1994, p.270) quanto Bolton (NEWMAN, 2006, p.81) partirem dessa passagem para suas interpretações do problema de Molyneux, pois cabe destacar que a identidade encontrada por Synge entre a imagem de globo e a ideia de globo reside justamente no fato de que, ao ser girado, o globo manterá a mesma aparência, quer estejamos olhando pra ele já deduzindo sua profundidade ou apenas vendo um círculo sombreado, pois as sombras se manteriam na mesma posição.

Um caminho similar é percorrido por Synge quanto à imagem do cubo. Assim como o cubo ao toque mostrou diversos

tipos de apresentações – os lados planos, os vértices e as linhas –, também ele mostrará diversos tipos de apresentações aos sentidos quando movido na frente de Bartimeu:

A imagem que a primeira visão de um homem vai capturar de um Cubo deve ser de que é um corpo que não é similar em todas as partes de sua superfície, o que conseqüentemente precisa concordar com a ideia que ele possuía antes e se diferenciar daquela que ele tinha de globo. Pois um cubo não carrega o mesmo aspecto quando exposto a nossa visão em diferentes posições (Correspondence, 1984).

Assim, mesmo com a estranha tese de que enxergamos o mundo de modo bidimensional, Locke poderia ter respondido o problema de outra maneira.

A maneira como Locke lida com essa resposta positiva e empirista para o problema de Molyneux é a pior possível. De fato, o problema é apresentado a Locke já de uma maneira enviesada, o que pode ter impedido uma leitura mais cuidadosa, uma vez que na introdução à resposta de Synge feita por Molyneux tem o mesmo tom da resposta que Locke dará posteriormente:

Eu envio junto a esta carta uma cópia de uma carta de um homem engenhoso, sobre o problema que você honrou com um lugar na página 67 do seu Ensaio. Você vai perceber então que aquilo que digo sobre ele intrigar homens engenhosos é verdade, e vai facilmente perceber quais passos em falso levaram esse cavalheiro ao seu erro (Correspondence, 1984).

Molyneux ainda conclui que Synge, por ser um clérigo, se enfureceria com aqueles que cuidavam de evitar defender as teses

clericais, e o compara a John Edwards¹⁷, conhecido antagonista da *Razoabilidade da Cristandade* de Locke¹⁸. Não surpreende, portanto, que Locke tenha a seguinte opinião sobre a resposta de Synge:

Eu vejo, pela resposta do Sr. S. para aquela que era originariamente a sua questão, como é difícil, mesmo para homens engenhosos, se livrar de antecipar os sentidos. O primeiro passo em direção ao conhecimento é possuir ideias claras e distintas, as quais eu tenho justa razão em pensar, cada dia mais e mais, que poucos homens jamais tiveram, ou pensam querer tê-las; o que é uma das causas para o infinito jargão e *nonsense* que empesteia o mundo (*Correspondence*, 2059).

Locke ignorou os esforços de Synge em resolver o problema sem utilizar ideias inatas, e rejeitou-os como ideias de um homem engenhoso preso à necessidade de “antecipar os sentidos”. Esta acusação denuncia o descaso com que Locke tratou a missiva de Synge, uma vez que este reitera diversas vezes, em sua resposta ao problema de Molyneux, que está “tomando como garantido” que não existem ideias inatas. Esse descaso só conseguiu pôr em risco o sistema lockeano, uma vez que uma passagem que poderia ser tratada como um mero deslize do autor, agora, de posse de toda essa história do problema, precisa ser tratada como uma possível decisão, tomada por Locke, de ser incoerente consigo mesmo.

NOTAS

¹Doutorando em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas. Endereço eletrônico: lima.giorlando@gmail.com.

²O nome do cego tem somente o propósito de facilitar a redação do texto, evitando a repetição de expressões como “ex-cego”.

³“Suponha, então, uma pessoa que aproveitou de sua visão por trinta anos, e tendo se tornado completamente a par das cores de todos os tipos, exceto um tom particular de azul, que, por acidente, nunca teve a chance de encontrar. Deixemos então todos os tons da referida cor, exceto aquele que desconhece, serem dispostos diante dele, descendo gradualmente do tom mais escuro para o mais claro. É óbvio que ele vai perceber uma falha, onde falta o tom, e será perceptível que existe uma distância maior naquele espaço entre cores contíguas do que em qualquer outro. Agora, eu pergunto se será possível para ele, a partir de sua própria imaginação, suprir essa deficiência, e produzir para si a ideia daquele tom particular, apesar de nunca tê-la recebido pelos seus sentidos” (*Enquiry*, Section II).

⁴“Mas suponha um homem que por vezes teria visto as cores primárias e nunca teria visto cores mistas e intermediárias. Pode ser que, através de uma espécie de dedução, ele represente estas que nunca viu, por sua semelhança com as outras” (*Regles*, 14).

⁵A distância até os sólidos variaria de meio metro a três metros.

⁶As citações das cartas se darão na maneira já estabelecida na tradição de comentadores do autor, indicando *Correspondence* seguindo da numeração que a carta recebeu. Quanto à maneira pela qual traduzi as cartas, tentei ser o mais literal possível, evitando somente a repetição das maiúsculas de ênfase muito presente na correspondência do período. Essas foram deixadas de lado porque acredito que não são capazes de transmitir ao leitor contemporâneo a intenção do autor, uma vez que não possuímos o costume de lidar com esse recurso, especialmente na extensão utilizada na época. O itálico de ênfase foi mantido, pois é relativamente raro e ainda persiste nos textos contemporâneos de modo que seu papel não se perdeu.

⁷Molyneux e Locke trocaram mais de dez cartas no ano que antecede a correspondência da qual vou tratar agora (*Correspondence*, vol 4, p. 800).

⁸“Honrado senhor, sua carta de 20 de janeiro chegou em minhas mãos justamente quando caí acamado doente tendo uma severa cólica que me

deteve por praticamente cinco semanas e me deixou muito fraco. Foi ainda mais grave para mim, uma vez que me impediram de dar resposta imediata para suas cartas, tal qual eu desejava; sou muito cobiçoso de todas as oportunidades de manter correspondência com alguém por quem tenho tão grande respeito” (*Correspondence*, 1609).

“E primeiro, os erros de tipografia (além daqueles mencionados na tabela) são muitos e grandes, esses, portanto, na sua próxima edição devem diligentemente ser corrigidos. Segundo, na página 270 é asserido que sem uma revelação particular nós não podemos ter certeza de que a matéria não pode pensar ou de que a onipotência não pode imbuir a matéria com um poder de pensar. E nas páginas 314-315, a imaterialidade de Deus é deduzida da absoluta impossibilidade da matéria de pensar. Nesses dois locais eu conheço alguns que tropeçaram como se não fossem consistentes”. Molyneux continua apontando outras dificuldades que encontrou no texto, mas creio que esta basta para ilustrar o diálogo (*Correspondence*, 1579).

¹⁰As citações do *Essay concerning human understanding* seguem o padrão da bibliografia especializada sobre o autor: *Essay*, livro, capítulo, parágrafo.

¹¹Aqui repousa o motivo pelo qual a interpretação de Aarsleff não funciona. Aarsleff interpreta o problema como uma comprovação da tese Lockeana de que associamos ideias simples de vários sentidos distintos antes de sermos capazes de identificar propriamente um objeto. Declara que, para Locke, Bartimeu obteria somente a ideia simples que pode ser obtida através da visão “um círculo plano diversamente sombreado”, e que sendo dessa opinião, Locke estaria indo contra a “doutrina tradicional de que a mente através do uso exclusivo da razão produza a percepção correta de um objeto sem auxílio de um outro sentido” (CHAPPEL, 1994, p.270). Essa interpretação não explica a resposta de Locke por dois motivos: (i) Bartimeu, quando tem sua visão devolvida, efetivamente possui todas as ideias advindas de todos os sentidos que dizem respeito à esfera e ao cubo e que seriam relevantes para a identificação, portanto, não lhe falta uma ideia que seria suprida pela sua razão e (ii) não pode faltar a Bartimeu a faculdade de juntar ideias de sentidos distintos uma vez que essa seria da reflexão e não da sensação – campo no qual Bartimeu possuía uma deficiência. Em outras palavras, Bartimeu identificar os sólidos não seria uma defesa daquilo que Aarsleff chamou de doutrina tradicional, portanto o contrário não seria uma recusa.

¹²O leitor deve perceber que apesar do uso do termo noção como um caso geral do termo ideia, é o termo noção que no argumento de Synge é sinônimo do termo ideia na filosofia Lockeana. Se, em termos estritamente Lockeanos, deveríamos ter ideia como gênero e noção e imagem como espécies, ao invés do modo proposto por Synge com noção como gênero e ideia e imagem como espécies, essa inversão não modificaria em nada os conceitos envolvidos nem os argumentos. Talvez tornasse o argumento de Synge mais compreensível a Locke, mas a inversão é tão trivial que me absterei de me aprofundar em suas causas e possíveis prejuízos ao diálogo.

¹³Lembro ao leitor que a tese da identidade entre perceber alguma coisa e ter a ideia de alguma coisa é uma tese Lockeana: “Perguntar a que momento um homem tem primeiramente qualquer idéia é o mesmo que perguntar quando ele começa a perceber, sendo ter ideias e perceber a mesma coisa” (*Essay*, II, 1, §9).

¹⁴Synge assume que o poder da mente que permitirá a Bartimeu associar as ideias é (i) da reflexão e não da sensação e (ii) já possuído por Bartimeu. Uma vez que Locke estabelece que aquilo que é do campo da reflexão não apenas é aperfeiçoado, como também descoberto com o tempo, a interpretação de Synge precisa entender que é permitido ao ex-cego o tempo necessário para alcançar certas capacidades, porém em nenhum momento Locke propõe que os poderes da mente seriam adquiridos através da experiência, eles seriam meramente identificados e compreendidos. Mesmo recorrer à noção de hábito, tão presente nos textos pedagógicos de Locke, como faz Bolton, não ajuda a resposta de Locke a ser mais razoável no interior do sistema que a de Synge: “É claro, uma pessoa dotada de visão normalmente adquire as ideias de figura, posição e assim por diante, mas somente ao formar o hábito de alterar as ideias que aparecem na mente diretamente das causas externas” (NEWMAN, 2006, p.82). Se a capacidade está inata em Bartimeu não é possível estabelecer que ele não será capaz de adquirir o hábito de associar tato e visão uma vez que a capacidade é inata. Talvez isso fosse possível numa versão do problema na qual se devolveria a visão ao cego e se retiraria o tato, mas Locke não foi tão longe.

¹⁵A cláusula do tempo, apesar de não adicionada em nenhuma das versões do problema, é absolutamente necessária tendo em vista que, no interior da filosofia Lockeana, o processo de reflexão não é instantâneo e que, segundo

Locke: “Os homens então vêm a ser preenchidos com mais ou menos ideias simples, de acordo com uma variedade maior ou menos que lhes seja oferecida pelos objetos com que interagem; e assim também é com as operações internas de suas mentes, de acordo com quão mais ou menos eles refletem sobre elas” (*Essay*, II, 1, §7). Como curiosidade, cuida apontar que tal cláusula é central para o tratamento contemporâneo do problema, apesar de HELD, R. *et al.* (2011) concluírem que ex-cegos não conseguem relacionar a experiência do tato àquela da visão, eles só conseguem garantir essa conclusão se o experimento for realizado pouco tempo depois da devolução da visão (48 horas).

¹⁶Como apontei anteriormente, o uso do cubo e da esfera como objetos a serem reconhecidos torna o problema ilusoriamente mais complicado do que ele realmente é. A pergunta é se Bartimeu será capaz de, apenas através da visão, saber quem são os seres humanos, o que é mesa, o que é parede, que aquela senhora ali no canto é sua esposa e assim sucessivamente.

¹⁷John Edwards (1637-1716) é o autor de *Some Thoughts concerning the Several Causes and Occasions of Atheism, especially in the present age. With some brief reflections on Socianism and on ‘The Reasonableness of Christianity’*.

¹⁸“Os clérigos não se incomodam somente com aqueles que claramente se opõem a eles, mas se enfurecem também com aqueles que cuidam de omitir defesas deles, como nós recentemente tivemos um caso naquele que escreve contra a *Razoabilidade do Cristianismo*” (*Correspondence*, 1984).

REFERÊNCIAS

BERKELEY, G. *An Essay Towards a New Theory of Vision*. Quarta edição. 1709. Disponibilizado pela York University em <http://psychclassics.yorku.ca/Berkeley/vision.htm>

BLACKBURN, S. *The Oxford Dictionary of Philosophy*. Oxford: Oxford University Press, 1994.

CAMPBELL, J. Molyneux's Question. *Philosophical Issues*. S.l, nº 7, 1996, pp.301-318.

CHAPPEL, V. *The Cambridge Companion to Locke*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

DAVIS, J. W. The Molyneux Problem. *Journal of the History of Ideas*. S.l. nº 21, 1960, pp. 392-408.

DESCARTES, R. *Regles pour la direction de l'esprit*. Paris: Vrin, 1970.

GÓMEZ, M. "The Molyneux Problem". In: Galdós Marianela. *Anales Galdosianos*. S.l., nº 46, 2011. pp. 47-65.

HELD, R. *et al.* The newly sighted fail to match seen with felt. *Nature Neuroscience*. S.l., nº 14, 2011. pp. 551-553.

HOPPEN, K. T. *The Common Scientist in the Seventeenth Century: a study of the Dublin Philosophical Society 1683-1708*. S.l: Routledge & Kegan Paul PLC,1970.

HUME, D. *An enquiry concerning human understanding*. Oxford: Oxford University Press, 1999.

LOCKE, J. *An essay concerning human understanding*. Oxford: Clarendon, 1975.

LOCKE, J. *The Correspondence of John Locke*. Oxford: Oxford University Press, 1976.

NEWMAN, L. *The Cambridge companion to Locke's essay concerning human understanding*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.